

Redução de exames gera desemprego

O empresário Paulo Auriemo, presidente da Associação das Indústrias Brasileiras de Produtos para Laboratórios — Assibral, anuncia que a determinação das autoridades previdenciárias de reduzir a quantidade de requisições de exames laboratoriais está gerando desemprego na área industrial.

Paulo Auriemo, que está participando do Congresso Brasileiro de Análises Clínicas, explica que, com a drástica diminuição dos pedidos de exames, reduz-se também a compra de produtos necessários à realização de exames laboratoriais, como os reagentes, forçando as indústrias a diminuir sua produção. Essas indústrias vão ficar com capacidade ociosa, segundo o empresário, terão que reduzir seu pessoal.

O mais grave, conforme esclarece, é que a mão-de-obra utilizada por este tipo de indústria não tem mercado de trabalho alternativo. “Se a indústria automobilística dispensa seus funcionários, como engenheiros mecânicos, eles têm a opção de trabalhar em outras empresas, como fábricas de geladeiras ou outros produtos. Isso não acontece com a indústria de produtos para laboratórios, que trabalha com um pessoal altamente qualificado e que não tem outra opção de trabalho”.

Garante Paulo Auriemo que a redução de pedidos às indústrias já atinge 50 por cento e que só uma indústria paulista já teve que dispensar 1.600 empregados das áreas comerciais e de produção. Ele chama a atenção para o fato de que nesta indústria mesmo, o pessoal da área comercial é de formação superior, pois não é bastante estar capacitado a falar sobre o produto, mas é preciso demonstrá-lo para o cliente.

Segundo Paulo Auriemo, que é proprietário de uma indústria de produtos para laboratórios de análises clínicas — a Trilab — o mais grave é que essa é uma indústria nova, que se implantou no país há cerca de 5 anos, quando era total a dependência com relação às multinacionais. O empresário afirma que as importações,

que eram de 150 milhões de dólares ao ano, reduziram-se à metade em valores correntes.

Para o presidente da Assibral, são exatamente essas empresas nacionais as que mais sofrem com a crise, pois as multinacionais têm mais condições de resistir além do fato de que suas matrizes no exterior continuam a investir em pesquisa, enquanto as nacionais, de médio e pequeno porte, deixar de trabalhar com pesquisa. Ele explica que se trata de uma indústria muito dinâmica, na qual o desenvolvimento tecnológico é quase diário. “Dai, se as empresas param de pesquisar, o tempo que gastam para retornar o ritmo é muito grande, porque as multinacionais chegam ao mercado com as novidades e os profissionais têm que passar a comprá-lo”.

SBAC

O presidente da Sociedade Brasileira de Análises Clínicas, João Ciribelli Guimarães, por sua vez, considera que o principal problema reside no valor da unidade de Serviço (US), que é o que a unidade de valor da tabela dos órgãos previdenciários. Diz Ciribelli que, quando a tabela foi instituída, a US foi definida como um centésimo do salário mínimo. A US atualmente vale 60 cruzeiros, “quando devia valer 166 cruzeiros, ou um por cento do salário. A US, portanto, está perdendo progressivamente o valor”.

Com a degradação do valor da US, João Ciribelli Guimarães diz que os laboratórios estão ficando em uma situação difícil. Ele explica com o caso do hemograma: “O Inamps paga pelo hemograma dez US, o que dá 600 cruzeiros. O laboratório usa meia hora do profissional para realizar o exame, o que dá seis US e mais duas US de obrigações sociais. Quer dizer, ficam duas US, que não são suficiente para pagar o material e o desgaste dos equipamentos”.

O presidente diz que a situação se agrava porque as empresas de seguro-privado elaboram suas tabelas com base ao que o Inamps estabelece.